

NESTE NÚMERO:

A história de **FERNANDES** - o ben-
fiquista que triunfou no TORRIENSE

DEPOSITO LEV

DEZ 1957



CRÓNICA
Desportiva
N. 33

24 - NOVEMBRO - 1957

Preço --- 1\$50

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 33 — 24-11-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

CARA A CARA

NÓS TINHAMOS RAZÃO!

Muito antes do último acto eleitoral da F. P. F. já nós, nesta tribuna, tínhamos afirmado a nossa discordância acerca da constituição das Associações regionais. Não prevíamos, em rigor, o que se verificou depois. Mas os princípios que então ventilamos confirmaram-se plenamente. Explicamo-nos:

Esta faceta do problema (que o sistema das Associações regionais tem vários aspectos com que não estamos de acordo) resume-se no dilema: as Associações regionais são ou não «agências de procuração e consignação dos clubes», como então lhe chamamos?

Se são, isto é, se não têm consciência própria, poder deliberativo independente, se fazem apenas o que os clubes seus fillados mandam — haverá menos conflitos, que as responsabilidades irão para os clubes, mas se assim for a sua posição de organismo hierarquicamente superior fica um tanto em xeque, além de que os estatutos conferem aos dirigentes «associativos» independência de acção, libertando-os dos vinculos que os ligava aos respectivos clubes.

Se, pelo contrário, as Associações agem com liberdade de acção, sem ter de consultar os clubes (nada as obriga em face da lei) os resultados estão à vista.

Em Lisboa foi o cabo dos trabalhos para se eleger a direcção da F. P. F., como se sabe, tendo o Sporting retirado a confiança ao seu associado que — é vice-presidente da A. F. L. — e o Oriental também manifestou o seu pesar e discordância pelos mesmos motivos. Quanto aos outros clubes, não sabemos qual o estado das relações entre as respectivas Direcções e os elementos indicados para as Associações, mas a atitude recente, de reunirem fora da sede da sua Associação, por causa da «Taça de Portugal» pode interpretar-se como sintoma de menos harmonia.

Quanto ao Porto ainda se foi mais longe. Além de F. C. Porto retirar a confiança ao seu associado, que preside a A. F. P., pediu ainda aos seus associados para não aceitarem os cargos para que forem eleitos!

Em suma, a eleição para o triénio 1957-60, não correu à medida dos desejos dos principais clubes portugueses — ou mesmo a maioria, uma vez que quase todas as Associações da Província votaram nos outros candidatos.

A conclusão que tiramos deste estado de coisas coincide com os princípios que já expuseramos: as Associações não servem os interesses do desporto nacional.

Trata-se de organismos, na maioria em precária situação financeira, que não fazem falta, pelo contrário, à organização do nosso desporto. Se agem independentemente, podem não representar a vontade dos clubes, que são afinal a «mola real» do futebol. Se se limitam a seguir as directrizes dos clubes, a sua existência não se justifica.

Aliás, pelo sistema de votação do Congresso da F. P. F., as mais altas decisões não são ditadas pelos clubes em geral, que são os mais interessados, nem pelos próprios federativos, mas simplesmente por aquele escasso grupo de homens que mandam nas principais Associações.

E estará certo que estes poucos homens — honestos e empenhando a sua melhor boa vontade, mas podendo ficar surdos às solicitações dos seus clubes — é que mandem no futebol nacional?

Não, decerto. Portanto, a orgânica futebolista portuguesa está estruturalmente errada, e enquanto o erro persistir não haverá concórdia no futebol nacional.



PEDRO POLAINAS

rival de Alves Barbosa na vida real e no filme «O Homem do Dia»

O leitor «desportivo» reconhecerá no indivíduo da direita o valoroso ciclista do Sporting, Pedro Polainas. O leitor cinéfilo identificará na da esquerda o actor Mário Pereira. Mas o que estão eles fazendo, rodeado de tantos caixotes?

O filme «O Homem do dia», actualmente em «rodagem» nos estúdios do Lumiar, o revelará! Trata-se de uma cena dessa película desportiva, em que a vedeta principal será Alves Barbosa, que está sendo aguardada com expectativa pelo público cinéfilo e desportivo.

Pedro Polainas fará o papel de grande rival de Alves Barbosa, o que não será difícil de representar pois... é-o na vida real.

O actor Mário Pereira tem neste filme um trabalho que exige já bastantes dotes da arte cénica, que ele foi obrigado a enriquecer com uns bons treinos da arte... de pedalar numa bicicleta!

JOGOS QUE NÃO ESQUECEM...

O Sporting venceu o Lille por 8-2 depois de estar a perder por 2-0!

Em 10 de Junho de 1948, o Lille Olimpique, vencedor três vezes consecutivas da Taça de França e 2.º classificado a um ponto, no campeonato da «Divisão Nacional», deslocou-se a Lisboa onde no Estádio Nacional defrontou o Sporting. O encontro foi aguardado com expectativa, dado que os visitantes possuíam na altura uma das melhores equipas da Europa. Na realidade, nos primeiros momentos o Sporting viu-se em dificuldades. O Lille, entrando de rompante, colocou o marcador em 2-0 por intermédio do avançado-centro Strappe. Os «leões», porém, não se atemorizaram e... carregando no «acelerador» replicaram admiravelmente, mercê de primorosa exibição. Ao intervalo já os «violinós» venciam por 5-2 e no segundo tempo a contagem subiu, só parando nos 8-2, não tendo sido maior porque o «keeper» Germain «fez milagres» na baliza e os postes e a trave encarregaram-se do resto por três vezes.

Nesse memorável encontro, que os adeptos do bom futebol, jámais podem esquecer, as equipas alinharam e marcaram:

SPORTING: Azevedo; Cardoso, M. Marques e Juvenal; Canário e Veríssimo (1); Jesus Correia (1), Vasques (1), Peyroteo (3), Travaços (1) e Albano (1).

LILLE: Germain; Jadrzak, Prevost e Carré; Lubreneg e Sommeslinck; Van Dooren, Bogot, Strappe (2), Tempowsky e Lechantre.

A arbitragem, que foi magnífica, esteve a cargo de Vieira da Costa.



A equipa do Lille que perdeu estrondosamente com o Sporting por 8-2



Jesus Correia leva a melhor sobre um jogador do Lille e prepara-se para servir Peyroteo, que se desmarca rapidamente



Lusitano- F. C. Porto — Vital arroja-se valentemente aos pés de Carlos Duarte, sob as vistas de Falé.

JORNADA N.º 12...

O calendário do campeonato nacional de futebol marca para a 12.ª jornada os seguintes jogos:

Sp. Braga-Académica; Lusitano-F. C. Porto, Belenenses-Caldas, Sporting-Barreirense; Cuf-Oriental, Torriense-Benfica e Salgueiros-Vitória Setúbal.

Na época passada parte destes encontros também se disputaram na ronda 12, como se verifica (por curiosidade acrescentamos os resultados de então): Lusitano-Académica (3-1); Benfica-Torriense (3-0), Sporting-Barreirense (3-0); Covilhã-Setúbal (2-0); Porto-Oriental (5-0); Cuf-Atlético (1-0); Caldas-Belenenses (1-1).

Como se pode verificar ainda, em rigor só o jogo Sporting-Barreirense se repete exactamente, contando o factor campo. Este ano o Belenenses começa

por receber o Caldas, e não o inverso, e o Benfica vai primeiro a Torres Vedras, antes que o Torriense o visite.

No Torneio anterior, o Belenenses venceu o Caldas por 5-0, no Restelo, e o Benfica foi empatar em Torres Vedras (1-1), o que no entanto não afectou a conquista do título, pelos «encarnados».

Dos restantes encontros da jornada de amanhã, os correspondentes da época passada fornecem-nos os seguintes elementos:

Lusitano-F. C. Porto — Disputou-se na 7.ª jornada e os ebrenses venceram por 3-2.

Cuf-Oriental — Disputou-se na última jornada, no campo do Barreirense.

Os cufistas venceram por 2-0, mas até poucos momentos do fim havia 0-0. Os orientalistas eram praticamente a «reserva», devido ao conflito entre a Direcção e os jogadores.

Quanto ao Braga-Académica e ao Salgueiros-V. Setúbal, não houve esses encontros em 1956-57, pois, então, os braceirenses e salgueiristas, alinhavam na 2.ª Divisão. Os últimos desafios realizados por aqueles clubes foram: Salgueiros-V. Setúbal, em 1944-45 (3-5) e Braga-Académica, em 1956-57 (1-3).

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Curiosidades e imagens dos duelos F. C. Porto-Belenenses e uma interessante evocação de Carlos Pereira, antigo internacional portista.

EM CIMA: Belenenses-Caldas — Rita recolhe um passe, sem que Matateu tenha tempo de intervir.

AO CENTRO: Sp. Braga-Académica — Ramin foi mais lesto que Baptista e apanha a bola.

EM BAIXO: Benfica-Torriense — Mergulho repele a bola com a cabeça, e Azevedo apresta-se a aproveitar.



SPORT CLUBE DAS AMOREIRAS foi o primeiro a ter uma senhora como secretário da Direcção?

Foi em 1 de Julho de 1920 que se fundou o Amoreiras Futebol Clube. E caso curioso: os seus estatutos eram baseados nos antigos do Belenenses, fundado no ano anterior. Passado algum tempo adoptou a designação Sport Clube das Amoreiras...

O equipamento do clube é: listas horizontais azuis e brancas (camisola e meias, que os calções são todos brancos).

No «Amoreiras» julga-se (e nós não temos dados para contrapor) que foi o primeiro clube desportivo português a eleger para o cargo de 1.º secretário da Direcção uma senhora — D. Zulmira Martins Grãvão — facto que ocorreu em 1944-45.

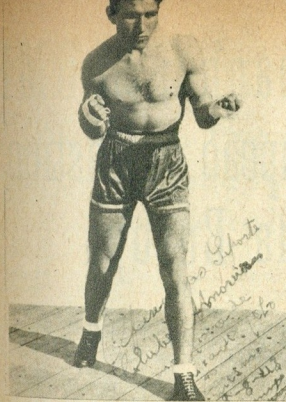
O S. C. Amoreiras é desde 1932 filiado na Associação de Futebol de Lisboa, fa-

zendo parte da II Divisão e tendo ainda inscrito uma equipa de juniores. Também a iniciativa da A. F. L., de organizar um torneio de futebol de «cinco» teve óptimo acolhimento no «Amoreiras», que concorreu.

As principais taças datam de há uns trinta anos. Nesse tempo havia um campo no Parque Eduardo VII, que servia perfeitamente os clubes populares (o Amoreiras, o Marítimo, os Capuchinhos, o Santa Marta, Esperança, Campo de Santana, Vendedor de Jornais, um outro Oriental, etc., etc.), e onde se realizaram, até, os primeiros jogos nocturnos.

Mais recentemente o «Amoreiras» foi vencedor de série no antigo campeonato de Promoção, em 1940-41. Depois em

Campeões distritais de reservas da II Divisão em 1950-52.



1949-50 e 51-52 foi campeão distrital de reservas da II Divisão da A. F. L.

Alguns desportistas conhecidos passaram pelo Amoreiras, como por exemplo:

Júlio Costa, que foi campeão nacional pelo Olhanense; Rual Cartaxo, futebolista iniciado no Amoreiras e mais tarde transferido para o Sporting e hoje é conceituado técnico de hóquei em patins; Manuel Alexandre, que foi guarda-redes do Benfica e hoje é director da Federação de Ciclismo; o falecido Artur Silva, que foi jogador do União de Lisboa; Fernando Costa, cotado pingue-ponguista do Arroios; Domingos Figueiredo, que foi campeão nacional de médios (pugilismo) e continua a ser um feroz adepto do Amoreiras.

As aspirações do popular clube resumem-se, de momento, a possuir uma sede condigna, que a actual não satisfaz as necessidades.

O «Amoreiras» tem apenas 150 sócios (que pagam 5\$00 mensais) e pretende aumentar a sua massa associativa, o que seria fácil se as condições da sede fossem melhores.

O «Amoreiras», que, sendo um dos mais antigos clubes bairristas, nunca recebeu qualquer auxílio, quer de entidades oficiais, quer particulares, apeia para os habitantes do populoso bairro, pois quanto mais forem os sócios da colectividade, melhor se poderá encerrar o problema da sede.

À ESQUERDA:
Domingos Figueiredo antigo campeão de pugilismo.

EM BAIXO:

Quatro dos elementos directivos: Francisco Ferreira (presidente da Assembleia Geral), Rui Rodrigues Graça (secretário), Casimiro Pinto Mesquita (presidente da Direcção) e Renato Tavares (vogal).



Alguns sócios recreando-se.



O espanhol BLUME é campeão "ginástico" da Europa

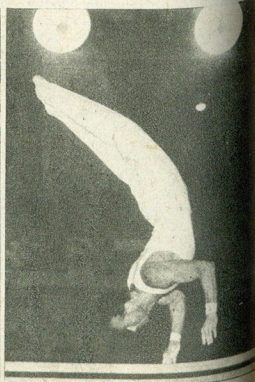
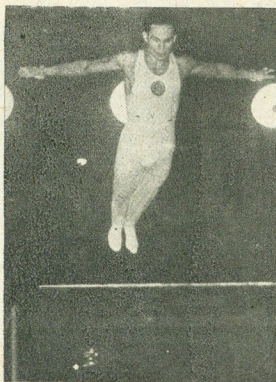
Os Campeonatos de Ginástica da Europa, recentemente efectuados em Paris, despertaram as atenções dos desportistas de todo o Mundo, principalmente dos adeptos da modalidade.

Os russos partiram para Paris como grandes favoritos.

Todavia, perante a surpresa geral, foi o espanhol, de origem alemã, Joaquim Blume,

o grande vencedor dos Campeonatos, mercê da extraordinária classe patenteadas. Os três homens principais do Campeonato, que atraíu ao Palácio dos Desportos numeroso público foram Blume (1), o soviético Titov (2), e o suíço Gounthard (3).

À DIREITA: Eis dois momentos da extraordinária exibição que permitiu a Blume a conquista do título de campeão, no campeonato que recentemente se efectuou na cidade da luz. Os russos, considerados os grandes favoritos da prova, não conseguiram suplantar a brilhante exibição oferecida pelo espanhol, que chamou assim a atenção do mundo para as possibilidades do país vizinho no campo da ginástica.



UJLAKI o ídolo da França voltou a Budapeste — a sua terra!

Joseph Ujlaki (pronuncie-se Uiláki) é um dos principais ídolos do futebol francês.

Nascido em Budapeste, Ujlaki foi companheiro de Budai, Kocsis, Grosics, Lantor e outras figuras gradas do *association magiar*, na equipa nacional de juniores da Hungria.

Um dia, visitando Budapeste, o dirigente do Stade Français, de Paris, M. Maland, ao procurar reforços para a sua equipa, reparou em Kocsis e Ujlaki. Tinham ambos 16 anos. Era 1946... Não conseguindo obter o concurso de Kocsis, o sr. Maland tentou o de Ujlaki. E teve sorte... porque este partiu para França, precisamente nas vésperas do dia em que a Federação húngara proibia os seus jogadores de se ausentarem do país.



ESTA SEMANA FAZEM ANOS

Dos futebolistas que festejam o aniversário esta semana destacamos os seguintes:

Martin (Covilhã e Velez (Braga), que fazem anos na terça-feira, e «Manero» (Boavista), que completa 27 anos na próxima sexta-feira.



Naturalizado depois, Ujlaki voltou agora, a Budapeste com a equipa da França, para reencontrar a família... os amigos... e os admiradores, como este empregado do Estádio de Budapeste, que lhe pede um autógrafo, prontamente cedido.

Ujlaki foi, nesse dia, um dos homens mais felizes do Mundo.



O espanhol **Pedro Sanz Martin** nasceu em Madrid em 26 de Novembro de 1934.

Em Portugal representou em 1948-49 o S. L. -Viseu e, desde 1949-50 o Sp. Covilhã.

Outro espanhol — Ricardo Velez Sabas — nasceu em Orense, também em 26 de Novembro mas de 1927. Perfaz, pois, 30 anos. Em Portugal representou primeiramente o C. A. Flaviense (actualmente C. D. Chaves) em 1946-47. Voltou a Espanha e em 1951-52 a 52-53 jogou no Salgueiros. Desde 1953-54 que actua no Sporting de Braga.

Raul das Dores Palma Aleixo, o popular «Manero», é natural de Beja, onde nasceu em 29 de Novembro de 1930.

Foi junior do Lusitano F. C. em 1948-49 representou ainda na época seguinte esse clube algarvio, mas em 1950-51 e 51-52 jogou no Benfica. Desde 1952-53 que serve as cores do Boavista.

REVELAÇÕES DO
NOVO CAMPEÃO
DO DECATLO

FERNANDO MARQUES

vai atacar o recorde nacional de salto à vara perfilhando métodos americanos de treino

Fernando de Oliveira Marques, campeão regional e nacional de salto à vara, tem uma história curiosa. Nascido em Abrantes, em 19 de Maio de 1930, cedo foi viver para Setúbal. Passado o tempo da meninice, adquiriu o gosto pelo desporto, mas, ao contrário de tantos outros, não foi o futebol a cativar-lhe os afectos. O atletismo rapidamente grangeara nele ferveroso admirador e, assim, aos 20 anos na Mocidade Portuguesa, núcleo de Setúbal, o jovem atleta, foi o autor das maiores proezas do meio que frequentava. Começou por disputar provas de meio fundo, mas o salto à vara breve lhe captou as atenções e, ei-lo afincadamente a dedicar-se à especialidade.

Depois o Vitória de Setúbal, inaugurou a secção de atletismo e, desta forma, Fernando Marques envergou a camisola, às riscas verdes. Na falta de apetrechos necessários, Marques construiu uma vara da ramada dum pinheiro e foi com ela que se treinou. Por sinal, certa vez esta partiu-se e na queda o atleta ficou bastante maltratado!

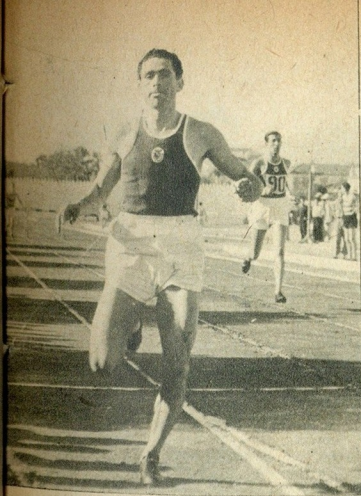
Vieram os campeonatos de principiantes e nos 110 barreiras, o jovem Marques distinguiu-se bastante.

Depois o Vitória extinguiu a secção. Era um rude golpe para quem tanto gostava da modalidade, porém Fernando Marques não esqueceu que era Sportinguista desde nascença e... foi bater à porta do clube de Alvalade. O seccionista «leonino» não viu nele qualidades e deixou-o abalar. Fora a primeira desilusão duma carreira que então começava.

O atleta reagiu e procurou o Benfica. Ali foi bem recebido e por lá ficou três anos. A sua actividade porém dispersou-se: além da vara, saltou barreiras e corria os 400 metros. Nesse espaço de tempo e apesar das amizades contraídas nunca esqueceu o Sporting e assim ei-lo desde há duas épocas a envergar o «jersey» leonino.

Na época passada e reconhecendo que a dispersão de esforços lhe era nefasta começou a dedicar-se só a uma especialidade, a da vara. Desde então progrediu imenso e representou Portugal contra a França e Espanha.

Finalmente com a camisola listrada de verde e branco e a insígnia do leão...



FALA FERNANDO MARQUES

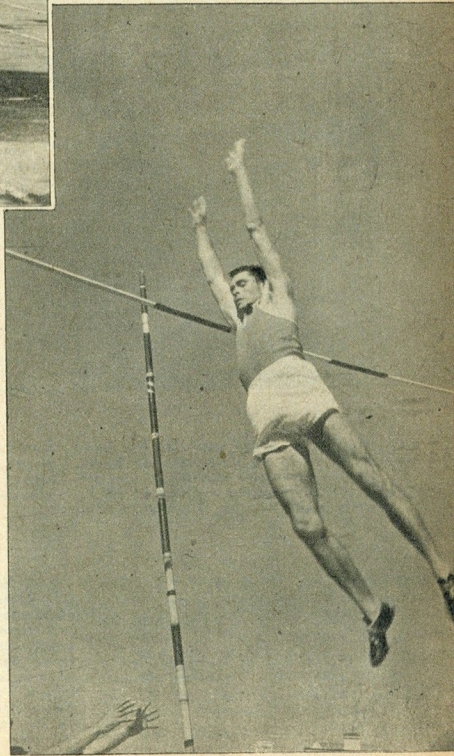
Eis algumas revelações curiosas do grande atleta sportinguista:

— Sou empregado e saio às 18 horas do emprego. Quase todos os dias dou um pulo à Alvalade para treinar. Depois, três vezes por semana saio para Setúbal onde tenho casa e vivo com os meus. «Claro que encontro dificuldades para seguir o regime que convém à minha forma atlética mas dentro em breve, mudar-me-ei para Lisboa, mesmo para defronte do estádio e então espero conseguir o meu sonho.

Evidentemente, o sonho de Fernando Marques é o recorde nacional, e assim ele afirmou-nos:

—guardo também que António Calado me envie dos Estados Unidos determinadas indicações quanto aos métodos de treino dos atletas americanos e desta forma procurarei aperfeiçoar-me para assim poder atacar o recorde nacional...

No Benfica dispersou a sua actividade por saltos e corridas. Então conseguiu 3,20 m. na vara e 59,1 s. nos 400 m. barreiras (1.º lugar no torneio de equipas para Portugal-França do Sul. As fotos focam essas provas.



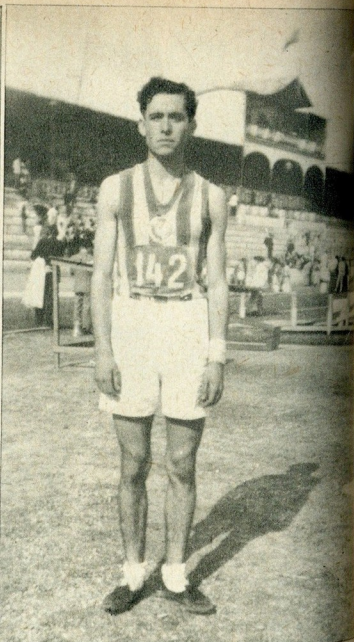


Éis uma fotografia muito curiosa: Fernando Marques, servindo-se de uma vara de pinho, que ele próprio arranjou, executa a sua primeira prova — campeonato regional da M. P., Centro Extra-Escolar n.º 1, Setúbal. Saltou 2 m. 20.

Como fecho da época, Fernando Marques conquistou o decatlo nacional, obtendo 4.322 pontos contra 4.109 do segundo classificado, Eugénio Lopes.

Esta vitória foi o triunfo da persistência pois Marques tinha corrido aos dois anteriores decatlos, classificando-se em 3.º e 2.º lugar respectivamente.

Acerca desse triunfo disse-nos Fernando Marques:



Com a camisola do V. Setúbal. Foto tirada no estádio do Sporting (fase antiga). Marques não foi aceite pelos «leões» na primeira vez que ofereceu os seus préstimos!

— Encontrei bastantes dificuldades designadamente quanto à passagem dos obstáculos na prova de barreiras. O vento fortíssimo que soprava foi o meu pior inimigo, dado que a minha constituição física não é das mais propícias a tais géneros de provas em dias como aquele. Enfim, ganhei e estou contentíssimo. Agora aguardo a nova época na esperança de manter esse título e melhorar a marca do salto à vara — o meu grande objectivo!



DEPOIS DA
GRIPE...

A "PENALTITE"...

A França — o futebol francês — esteve também a contas com a gripe asiática. Numerosos jogadores estiveram ausentes dos campos de futebol, o que não podia deixar de ter grande influência nos rendimentos das suas respectivas equipas.

Mas, debelada essa crise, surge, agora, uma outra que, no aspecto puramente desportivo, não parece menos grave; trata-se da... «penaltite».

Os penalties surgem, aos pares, em cada domingo, em vários estádios, de França. Este flagrante, foca o momento em que Sosa, médio-centro do Racing de Paris, derrubava, à margem das Leis, na sua grande área, o interior do Monaco, Léon Clovacki. Dentro da Grande área — é penalty. E o árbitro não perdeu.

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Seleção nacional? Sim, mas qual? Que adversário defrontou? Em que estádio? Qual o resultado? Quem marcou os golos? E como formou esta equipa?

A linha dianteira está certa — formou como eles se dispuseram para a foto — mas os que estão de pé (Fernandes, Passos, Joaquim, Alfredo, Azere-do e Sérgio) é que estão algo misturados...

Tudo se esclarece na página 20.



Recentemente, em Paris, à noite, dois dos mais famosos futebolistas franceses, de classe internacional, Roger Marche e Robert Jonquet, foram alvo de uma homenagem pública, a que se associaram não somente os seus inúmeros admiradores, mas também



OS VETERANOS FRANCESES JONQUET E MARCHE FORAM HOMENAGEADOS

os adeptos do futebol em geral.

O Parque dos Príncipes foi, assim, teatro de um encontro magnífico, entre as equipas do Stade de Reims, clube do qual Jonquet é capitão (e Marche o foi em tempos) e do Racing Club de Paris, ao qual pertence, agora, Marche.



Serviu essa homenagem para galardoar os dois mais populares jogadores franceses, que, sobre os Estádios da Europa, têm honrado o futebol francês.

O Racing venceu o Reims por 5-3 e as nossas imagens mostram: 1.º Jonquet e Marche entram, lado a lado, no terreno; 2.º os dois antigos colegas do Reims e da equipa da França trocam seus «bouquets»; 3.º Dois juniores (infantis), um do Racing, outro do Stade de Reims, oferecem flores aos «heróis» da noite, sob as vistas do *stadista*. Leblond, à esquerda, e do *rasinguista* Taillandier, à direita.

Os dois jogadores, juntos, somam 98 chamadas à equipa da França!

Filipe de Edimburgo e a sua paixão pelos desportos.



Aprontando-se para entrar em acção

O príncipe Filipe de Edimburgo, esposo da Rainha Isabel II, de Inglaterra, é dos mais ecléticos praticantes de desporto de seu país. Joga «criket», golfe, ténis e polo; guia carros de corrida e barcos-automóveis e tripula desde o planador ao avião de jacto; e pratica, ainda, equitação, tiro, vela, remo, esqui aquático e caça-submarina. Mas é o polo a modalidade que mais apaixonou Filipe de Edimburgo, até porque o pratica com elevada categoria técnica. As suas actuações neste difícil desporto costumam ser presenciadas por milhares de pessoas.

Ainda recentemente os jornais noticiaram uma importante vitória da equipa de Filipe de Edimburgo, na qual ele teve grande quota parte, como jogador e seu «capitão».

Para se avaliar o seu interesse pelo polo citaremos o seguinte pormenor:

Em determinado sábado, concluídos os officios religiosos na igreja de Sandrigham, tomou lugar num carro que o conduziu à base da R. A. F. em West Rayuhn, Norfolk, donde voou setenta milhas até Whiete Walthmann, Berkshire e, dali, de novo, foi de automóvel até Cowdray Park, onde os seus amigos o esperavam para uma partida de

Filipe de Edimburgo jogando polo em grande estilo

polo. No fim desta, regressou a Sandrigham nessa mesma tarde, utilizando os mesmos meios de transporte.

Os seus absorventes deveres sociais de príncipe-consorte apenas lhe deixam poucos momentos livres para praticar os desportos de que é tão entusiástico cultor, daí a sua luta constante contra o tempo para se dedicar às saudáveis actividades que tanto aprecia.



PARA A HISTÓRIA DOS RECORDES DA LÉGUA

A rivalidade e a luta entre os fundistas internacionais pela supremacia mundial na légua é das facetas mais interessantes do Desporto dos nossos dias.

Com efeito, o «record» dos 5.000 metros tem, nos últimos quatro anos, andado em constante balanço, e tudo faz supor (peço menos os técnicos têm essa esperança) que a légua seja corrida no tempo verdadeiramente fantástico de 13 minutos, quando da realização dos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma.



Kutz, Pirie e Ibotson, agradecem as ovações do público no final da prova da légua quando dos Jogos Olímpicos de 1956.

No entanto, o grande mérito da melhoria dos tempos verificados nos cinco quilómetros deve-se, especialmente, a Vladimir Kutz.

Pode dizer-se que passada a «época Zatopek», se entrou na «época Kutz»; pois, desde o dia em que aquele atleta venceu o famoso checo e lhe arrebatou o «record» do mundo da distância, nos Campeonatos Europeus de 1954 disputados em Berna, não mais deixou de ser a figura predominante das provas de fundo, e que todos os outros especialistas das restantes nações desejam derrotar.

É certo que Emílio Zatopek durante a sua gloriosa carreira desportiva nunca encontrou adversário que lhe fizesse perigar a posição. O mesmo não vem acontecendo a Kutz, que se tem batido com um lote de corredores de valor muito igual.

Para melhor esclarecimento damos a seguir os nomes dos atletas e os respectivos tempos, que de 1954 a 1957, têm sido recordistas mundiais:

1954 — Berna, Suíça — Vladimiro Kutz vence Zatopek nos Campeonatos de Atletismo da Europa correndo os 5.000 em 13 m. 56 s. e 6/10.

1954 — Londres, Inglaterra — Chris Chataway vence Kutz no torneio Inglaterra-Rússia, baixando o «record» do mundo da légua para 13 m. 51 s. e 6/10.

1954 — Praga, Checoslováquia — Kutz vence Za-

topek correndo os 5.000 metros em 13 m. 51 s. 2/10, baixando o «record» do mundo em 4/10.

1955 — Budapeste, Hungria — Sandalo Iltos ganha uma prova de 5.000 metros em 13 m. 50 s. e 8/10, estabelecendo com este tempo novo «record» mundial.

1955 — Belgrado, Jugoslávia — Kutz, correndo contra o tempo, arrebatou, de novo, o «record» correndo a légua em 13 m. 46 s. e 8/10.

1956 — Beager, Noruega — Gordon Pirie estabelece novo «record» do mundo correndo a légua no tempo quase impossível de bater de 13 m. 36 s. e 8/10.

1956 — Jogos Olímpicos — Melbourne, Austrália — Kutz bate Pirie, correndo a légua completamente à vontade em 13 m. 39 s. e 6/10.

Finalmente 1957 — Roma, Itália — Kutz arrebatou — pela quarta vez, — o «record» a Gordon Pirie correndo os 5.000 metros em 13 m. e 35 s.

Até onde irão as reservas de energia do extraordinário atleta? Esperemos que ele próprio responda, na pista, à pergunta que de todo o Mundo lhe é feita.

(Mais apontamentos na página seguinte)

O CAMPEÃO DOS SURDOS-MUDOS TAMBÉM É RUSSO



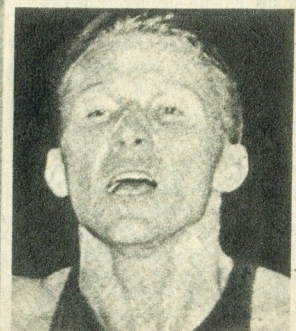
O atletismo constituiu a base dos VIII Jogos Olímpicos silenciosos, que reuniram, em Milão, os desportistas mudos, em representação de 26 países.

Eis uma comovente imagem após a chegada dos 5.000 metros, ganha pelo émulo de Kutz, o soviético Zoot, à esquerda.

Ao centro, o polaco Fert, que se classificou em segundo lugar e o russo Minski, terceiro.

Chris Chataway, que venceu Kutz em 1954 e estabeleceu um novo «record» do Mundo dos 5.000 metros.

Quatro expressões de Kutz durante a corrida da légua em Belgrado e na qual arrebatou o «record» do Mundo ao húngaro Sandalo Iltos.

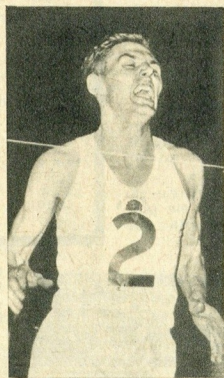


Manuel Faria contra Kutz!

Sem adversário à altura, que possa «puxar» por ele, com a regularidade desejada, o nosso Manuel Faria vai batendo recordes «caseiros», mas as marcas atingidas ainda não se equiparam às das grandes «estrelas» internacionais. O seu recorde (nacional e ibérico) da légua é de 14 m. 18 s 4/10 — mais 43 s. e 4/10 que o mundial.

Que conseguirá Manuel Faria fazer na próxima prova de S. Silvestre, em que terá por adversário o grande Vladimir Kutz?!

Nova estrela inglesa?



Este atleta que corta irresistivelmente o fio de 5.000 metros e cujo rosto expressa bem claramente o seu extraordinário esforço é o inglês Knight, uma das maiores realidades actuais do atletismo britânico, onde pontificam na distância um Pirie e um Ibbotson.

O estilo de Knight é revelador de excepcional elegância e de faculdades prometedoras.

Presentemente ronda os 14 minutos certos.



PRÉMIOS PARA CAMPEÕES

As taças — desde as de configuração singela e de metal mais frágil ainda, às de monumentais proporções — têm sido os troféus usuais para premiar atletas. Há já algum tempo que, em diversos meios, se tenta variar, instituindo-se objectos de arte ou prendas alegóricas, valiosas, com motivos sugeridos pelas actividades dos indivíduos a premiar.

É o caso, por exemplo, da «Bola de prata», que o jornal «A Bola» instituiu para o melhor marcador do campeonato nacional de futebol. Há tempos reproduzimos uma foto do famoso esquiador austríaco Tony Sailer, com um riquíssimo relógio que lhe foi oferecido e que apresentava a particularidade, entre outras, de os ponteiros consistirem em pequenas varas do esqui, em ouro.

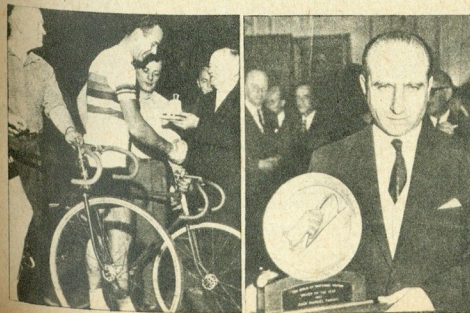
Há poucas semanas foram atribuídos a desportistas de várias nacionalidades objectos de arte com motivos enaltecedores das qualidades dos premiados ou características das competições.

Assim, Halini (1), o famoso pugilista francês, aparece-nos aqui a receber um belo cinturão, que lhe foi concedido por uma Revista norte-americana (um cinturão que parece demasiado grande para o pequeno «levíssimo» tricolor...)

Fangio (2) surge-nos senhor de um valioso prémio: nada mais nada menos do que um volante em prata, oferta dos jornalistas ingleses, especialistas em matéria automobilística (a profissão deve render) e que o consideraram o «condutor do ano».

Enfim, Rik Van Steenburgen, campeão Mundial de Ciclismo, foi premiado com um... sino de ouro, à partida dos «Seis Dias» velocipédicos de Berlim.

Presentemente, está a disputar-se na Sociedade de Geografia de Lisboa um torneio de xadrez em que os prémios individuais são constituídos por peças soltas do jogo em prata.



... O mais feliz



premiado...

Há já algum tempo apresentamos o famoso campeão automobilístico, Stirling Moss, fazendo de fotógrafo no casamento de um dos seus amigos.

Os papéis mudaram e é agora a vez de Stirling Moss dar o chamado... nó.

Com efeito, Moss aparece-nos nesta imagem no próprio dia do seu casamento, realizado em Londres, com Miss Katherine Stuart Molsson, de Montreal, e que conheceu, por acaso, durante uma prova automobilística.

Outra espécie de prémio, decerto o mais apetecido que qualquer outro!

Soluções dos passatempos deste número

PALAVRAS CRUZADAS — *Horizontais:* 1 — Atar; Pepe. 2 — Lito; elar. 3 — Ates; Gama. 4 — Roma; asas. 6 — Tomé; core. 7 — Anel; Abel. 8 — Rita; Luis. 9 — Axis; essa. *Verticais:* 1 — Alar; tara. 2 — Tito; onix. 3 — Atem; meti. 4 — Rosa; elas. 6 — Pega; cale. 7 — Elas; obus. 8 — Pama; Reis. 9 — Eras; Elsa. XADREZ — 1.º Bf5; 2.º Ce5; 3.º Cd5; 4.º Dc8; 5.º Ce6; 6.º Cc2.

FOTO-ENIGMA — Selecção B que defrontou a França B no Estádio Nacional, vencendo por 3-1, golos de Águas. Alinham: Sério (Bel.); Passos (Sp.), capitão, e Fernandes (Benf.); Joaquim (F. C. P.), Alfredo (F. C. P.), Azevedo (Acad.); Rogério (Benf.), Nelo (Acad.), Águas (Benf.), Cabrita (Olhan.) e Bentes (Acad.).



Jogo contra o Boavista, ainda no Campo Grande.

CRÓNICA DESPORTIVA APRESENTA

Joaquim Fernandes

o benfiquista
que triunfou
no Torriense!





Fernandes — jogador do Sp. Penha.



Na equipa invicta dos juniores do Benfica, Fernandes (segundo da esquerda, ajoelhado) foi o único que atingiu nível alto.



Fernandes jogou pela Fábrica de Cervejas Portugália, tendo arbitrado o consagrado treinador Biri.

DISSERAM-NOS uma vez que um jogador que passe pelo Benfica jamais o esquecerá. Na maior parte dos casos será sempre benfiquista, ainda que sirva fielmente outra camisola, inclusive contra... o próprio Benfica.

Quere-nos parecer que Joaquim Fernandes da Silva — o Fernandes do Benfica, como ainda hoje é crismado, nos meios mais populares — é um caso destes. Ao contar-nos a sua história, ressalta a saudade, o amor ao seu antigo clube. Todavia, ninguém pode pôr em dúvida a sua fidelidade à camisola do Torriense, sendo, aliás, o melhor jogador em campo, da turma torresã.

Não admira que guarde um certo saudosismo do tempo em que jogava no Benfica. Sempre foram anos — e foi naquele clube que conheceu a «internacionalização» (ainda que só «B»), foi campeão (e «capitão») nacional, conheceu grandes tardes, que não esquecer.

Assim, Fernandes, sendo agora um «torriense» pundonoroso, esteio da sua defesa e por vezes iniciador de brilhantes arrancadas, continua a ser benfiquista pelo coração.

Mas — o homem tem destes paradoxos — é contra o Benfica que ele costuma agi-

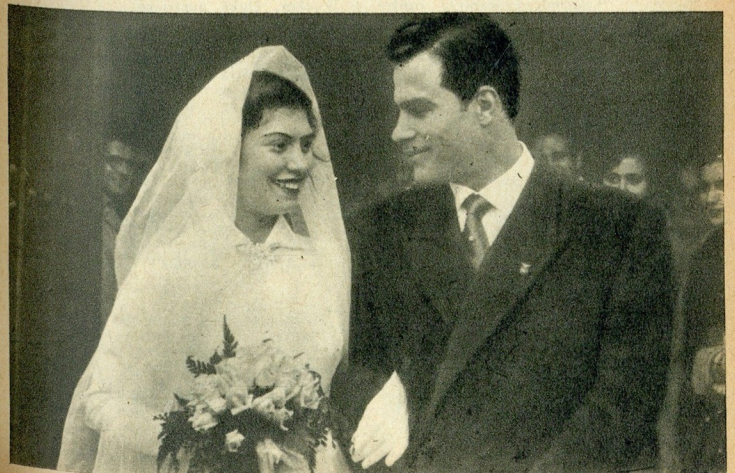


Um soldado alemão? Não. É bem português — é o Joaquim Fernandes...

gantar-se, todo ele fibra e desejo de mostrar que não envelheceu, que continua na posse das suas magníficas faculdades de jogador e lutador, e que jamais destoaria na equipa que ostenta o título nacional.

A poucas horas de mais um Torriense-Benfica (salvo se surgir o imprevisto), a

O casamento de Fernandes.





Fernandes — capitão contra o Wacker, clube austríaco.



Com a filha.

expectativa repete-se: Fernandes vai jogar contra o Benfica! A «alma benfiquista» contra o próprio Benfica!

O feitiço contra o feiticeiro... E no entanto, o Fernandes não queria. Pedira para nunca jogar contra o seu antigo clube. Não ligaram importância a esse pedido. Agora... é o que já se tem visto, e provavelmente iremos ver mais uma vez.

Este é um dos aspectos mais curiosos da história de Fernandes, que ele próprio vai relatar aos leitores de «CRÓNICA DESPORTIVA»:

*

— Nasci no Beato, há trinta anos. Saí o único desportista da família. Só o meu tio, com quem convivi desde garoto, é que era um benfiquista ferrenho. Ele, sim, gostava de eu jogasse à bola, e viesse a ser um bom jogador. Creio que ficou satisfeito com o que tenho feito no futebol...

Assim nos foi falando o Fernandes, ao descrever-nos a sua história. De-

teve-se ainda, no capítulo da sua infância, com algumas revelações curiosas.

— Andei na escola, até aos 9 anos e só pude fazer exame do 1.º grau. Era pobre e tive logo que começar a trabalhar. Só mais tarde é que concluí a instrução primária.

E prosseguiu:

— Dos tempos de escola, recordei-me dos jogos de rapazes que disputava com o Rogério, que morava em Chelas. Jogávamos no «campo 50», (era assim que lhe chamávamos), e que ficava perto do antigo campo do Chelas, hoje bairro da Madre de Deus.

Sorrindo, evocou:

— Era cada zaragata cada vez que havia golo. Não havia balizas, apenas umas pedras ou paus espetados... e sem barra horizontal. De maneira que havia sempre dúvidas se a bola passara alto demais ou não...

*

— Disse que começou a trabalhar aos nove anos...

— É verdade. Foi numa fábrica de cerâmica, Dias Coelho, no Beato. Estive lá até aos 16 anos. O que fazia? O que me mandavam fazer. Por fim já trabalhava com máquinas.

— E o futebol?

— Depois de sair do trabalho (pegava às 8 e largava às 17) ia para a praia de Xabregas. Sabe quem lá jogava, também, nesse tempo? O Teixeira, do Benfica!

E revelou:

— Teixeira predistinou-me bom futuro, no futebol. Ao princípio não acreditava...

— Porquê?

— Bem, era muito rapaz. Pensava mais em namoriscar do que valer-me do futebol para ser alguém, no que não acreditava.

*

Prosseguindo, Fernandes narrou:

— Saí da Fábrica de Cerâmicas para ir para «Fiambres Isidoros», mas ali o trabalho era pesado demais para a minha idade e pouco tempo lá estive. Depois fui para a Fábrica de Cervejas Portuguesa, onde me

Ei-lo na selecção nacional B.





No Estádio Nacional. Reconhecem-se Bastos, Mascarenhas, o jornalista Rosa de Matos, Fernandes, Polleri e Rogério — este último companheiro de jogos da infância do nosso biografado.

Com o «jersey das quinas».



mantive até aos 19 anos. Também fui empregado nos Armazéns Martins e Antunes, fui cobrador do velho pioneiro do Benfica, Alfredo Moura, e, ultimamente, da Companhia das Águas. Também fui associado de um café mas aí não fui feliz. E hoje continuo a ser um «fura-vidas», pois entendendo que o futebol não é profissão bastante para um homem que pensa no futuro.

— Quer dizer, passou por esses empregos todos, a par de jogar futebol, inclusivamente no Benfica...

— Exacto. Quem, como eu, começou cedo a trabalhar, suporta melhor o trabalho. E olhe que jogar futebol e andar o resto do dia a subir e descer escadas não é das coisas mais agradáveis...

— Imagina-se...

*

— Voltando à sua carreira futebolística...

— Entretanto, a família mudou-se para o Alto S. João. A casa ficava mesmo ao lado do campo do Sp. Penha. Todavia, eu não ligava, porque tinha deixado de jogar, desde que o trabalho apertara.

— Até que...

— ...um dia houve jogo no campo. A reserva do Sp. Penha contra outro grupo popular. Faltava um elemento. E um dirigente do Penha (um marinheiro chamado David) veio convidar-me para jogar,

Festa numa viagem à pitoresca Madeira.



porque lhe tinham dito que eu tinha habilidade, etc...

— O Fernandes aceitou...

— A princípio recusei. Mas ele disse que eu estava com medo, e então «meti-me em bríos» e fui jogar mesmo...

— Nasceu um grande jogador...

— Joguei o suficiente para no domingo seguinte me pedirem para jogar na primeira categoria. E passei a jogar regularmente, com grande arrelia das namoradas... Uma vez até fui levado em triunfo, quando o Penha conquistou um troféu qualquer, em luta com outros clubes populares...

A HISTÓRIA BIZARRA DO INGRESSO DE FERNANDES NO BENFICA

— No Sporting da Penha comecei a ganhar gosto pelo futebol e a pensar que poderia vir a jogar a sério, isto é, em clubes grandes, e oficialmente, pois o meu clube não estava filiado.

— E então...

— Estava na idade de jogar nos juniores e eu e um rapaz amigo resolvemos inscrevermo-nos no Benfica e no Sporting.

— Você no Benfica e ele no Sporting, não?

— Não. Nos dois! Como eu era benfiquista e ele sportinguista, e queríamos jogar juntos inscrevemo-nos no Benfica e no Sporting ao mesmo tempo. Depois, segundo nos chamassem, resolveríamos.

— Essa é boa! E o que sucedeu depois?

— Esta coisa curiosa: o Benfica só me chamou a mim, e o Sporting só o convocou a ele. Pura coincidência!

*

Fernandes descreveu-nos depois o seu ingresso no Benfica:

— Biri era o treinador. Caíu lá o «Carmo e a Trindade», pois todos os anos são às dezenas os rapazes que querem jogar no Benfica...

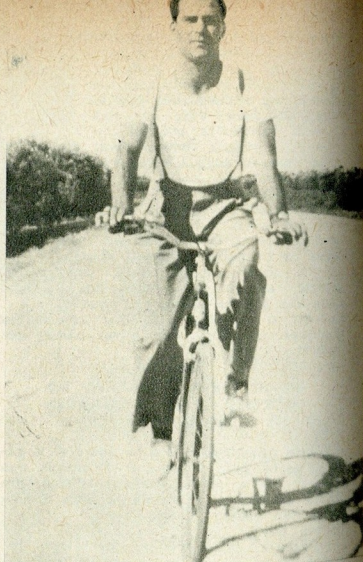
E prosseguiu:

Pescando em Cascais.





Com a esposa e padrinhos.



Em férias, a imitar o Alves Barbosa.

chamado um e não o outro. Respondeu-me que já tinham as equipas completas, o que me levou a dizer-lhe: «Paciência! Irei procurar outro clube...»

E comentou:

— Imagine agora o espanto dele quando dias depois me viu já integrado na equipa de juniores do Benfica, e a jogar (menos mal, graças a Deus) contra o seu Sporting!

Realmente...

*

— Foi essa a sua estreia no Benfica?

— Foi. Joguei a defesa direito (que foi o meu lugar durante dois anos) e empatámos 0-0.

— Que tal a estreia?

— Foi fácil. O «calo» adquirido nos clubes populares tem influência nos jogos de juniores...

Revelou, seguidamente:

— Nunca perdi um jogo nos juniores! E fui totalista. Mas para não faltar na final contra o F. C. Porto, que vencemos por 3-0, tive de ser injectado. Podia lá faltar...

— Depois dos juniores...

— Fiz uns jogos na reserva, e estreei-me pouco depois na 1.ª categoria. Inesperadamente e até com a sua graça...

— Conte por favor...

— Eu estava no cinema «Imperial», numa «matinée», quando me apareceu o tesoureiro do Benfica naquela altura, Sr. Júlio Worm. Andava à minha procura para me levar para Coimbra, jogar contra a Académica!

— Mas...

— É que o Cerqueira adoeceu. É claro que deixei o filme em meio. Foi a correr a minha casa meter roupa numa mala e meter-me no carro do sr. Júlio Worm, direito à estação do Rossio! Tive que me vestir dentro do automóvel em marcha, porque eu andava «à vontade», e não convinha destar junto dos meus colegas da 1.ª categoria...

— E estes o que lhe disseram?

— No hotel de Coimbra obrigaram-me a ir três vezes ao telefone. Partidas aos «caloiros»...

— Quanto ao jogo?

— Fui para o campo cheio de nervos. Era a primeira vez que jogava a defesa esquerdo, ainda por cima. Felizmente, tudo correu bem.

*

Vieram mais pormenores interessantes: Com dezanove anos, Fernandes foi campeão de 2.ª categoria pelo Sp. Penha, em pingue-pongue. Seu parceiro de equipa no desporto da «raqueta»: Feliz, avançado-centro da equipa de futebol da reserva... Cumpriu serviço militar em Porto Brandão, num regimento de Artilharia anti-aérea. Apenas o período de recruta.

Só mais tarde ascendeu, com carácter permanente, à categoria de honra do Benfica, da qual foi seu capitão depois da saída de Francisco Ferreira.

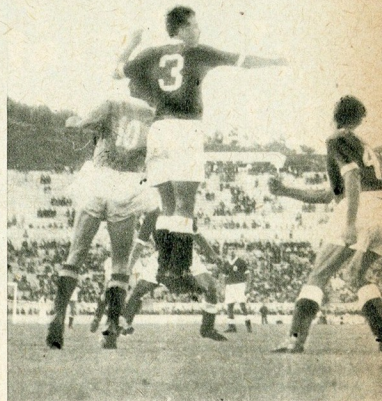
Foi internacional B, campeão nacional, vencedor da Taça Latina e de Portugal. Momento mais alto da sua carreira: quando o Presidente da República, sr. General Craveiro Lopes, lhe entregou a «Taça de Portugal», e o abraçou.

A vida sorria-lhe, quando lhe sucedeu um percalço que havia de ter decisiva influência na sua carreira: fracturou o menisco.

Acidente vulgar, mas que para Fernandes significou a morte das suas aspirações como jogador do Benfica.

*

— Foi num jogo com o Sporting que fracturei o menisco — elucida-nos Fernandes — Numa jogada com Galileu (hoje



O grande jogo da carreira de Fernandes: vitória na Taça Latina.

meu colega de equipa) e sem que ele tivesse a menor culpa, torci a perna... e logo o joelho estalou.

E prosseguiu:

— A princípio houve dúvidas se seria de facto fractura de menisco. A artropneumografia provou o mal. Fui operado. A recuperação foi, porém, demorada.

Perdi até o emprego na Companhia das Águas pois a junta médica deu-me por incapaz para o serviço!

Explicou:

— O acidente deu-se quase no final da época.

Na Inauguração do Estádio das Antas





Na sua nova equipa — o Torriense. Outra recordação da Madeira.



Com o menisco fracturado, mas ainda sem o saber, Fernandes é transportado para fora do rectângulo de jogo pelo maçagista Hugo e os colegas Artur e Bastos.

Só quase um ano depois voltei a jogar. Cheguei a descreir em que pudesse voltar a jogar, pelo menos como antigamente. Com 28 anos julguei-me acabado para o futebol!

Continuou em tom apaixonado, como revivesse esse drama:

— Não fui ao Brasil, o que me causou natural desgosto. No dia em que o Benfica se estreava no Maracanã jogava eu em Algés, na inauguração do Unidos...

*

Uma pausa. E depois:

— Veio o defeso. Um dia fui chamado à Direcção. O sr. Bogalho, ao tempo presidente do clube, comunicou-me que o Benfica me dispensava, que procurasse clube que se facilitaria a transferência... desde que não fosse para determinados clubes.

— Quais?

— Não vale a pena enumerá-los, que isso poderia trazer embaraços ao Benfica. E continuou:

— Pedi então que me fizessem uma «festa», que não mais jogaria futebol.



Num estágio do Torriense, com Gonçalves, Gama e Pina.

Recusaram. Mais tarde pedi para que fosse condição da transferência que não jogasse contra o Benfica, mas não ligaram ao meu pedido.

Comentou então:

— Quando joguei pela primeira vez contra o Benfica ouvi coisas desagradáveis por parte da «claque» benfiquista. Desde que o meu pedido de não jogar contra o Benfica não ficasse acautelado é lógico que dependendo agora doutro clube, tenha de servir este, em todas as circunstâncias e o melhor que puder e souber. Sim, não me ficava bem que eu pedisse ao Torriense para não jogar contra o Benfica, o que não impede que seja benfiquista 100 %.

— Está entendido! — retorquimos.

*

— Porque escolheu o Torriense?

— É um clube que sempre me foi simpático, desde o seu esforço para atingir a I Divisão.

— Foi difícil o seu regresso ao futebol de primeiro plano?

— Inicialmente, sim. Não se confiava muito em mim. Na época anterior já o Félix fora pouco feliz... E eu estava pouco jogado... Mas soube reagir e como não me faltou o incitamento do meio torriense acabei por recuperar a minha antiga forma e agora sinto-me bem como nunca!

— Em que condições ingressou no Torriense?

— Foi trocado por um junior Torriense, o que até certo ponto me humilhou... Recebi «luvas» em duas prestações anuais e oportunamente terei uma «festa» em Torres Vedras.

— Quando?

— Não sei. De momento, no que penso é ajudar o Torriense a safar-se da modesta posição em que se encontra, e, sobretudo, garantir a sua permanência na I Divisão.

Fizemos as últimas perguntas — da praxe:

— Qual foi o melhor jogo da sua vida?

— Final da Taça Latina, que ganhámos.

— O mais triste?

— Aparte aquele em que fracturei o menisco, a derrota por 5-0 que sofremos em Madrid, há ano...

— O melhor golo... — íamos a emendar, lembrando-nos que se trata de um defesa, mas Fernandes retorquiu:

— Pode perguntar, pois tenho marcado muitos. Ainda esta época abri o activo do Torriense...

E acrescentou:

— O meu melhor golo foi marcado na Taça de Portugal e valeu a eliminação dos «azuis». Foi num «canto», em que saltei a tempo, marcando o golo com um golpe... de pescoço!

— E quanto ao avançado mais difícil de segurar?

— As vezes, Jesus Correia. Mais regular, pois sempre me opôs dificuldades, o Galileu. Felizmente que é agora da minha equipa...

— Última pergunta:

Quantas épocas espera ainda jogar?

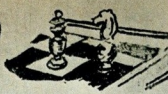
— Quando um futebolista, apesar de já não ser jovem, ou talvez por isso, se acha na melhor forma de sempre, mais jogador, descontraído e confiante, nunca se sabe quantas épocas durará. O tempo o dirá...

Assim falou Fernandes... o benfiquista que triunfou no Torriense... e venceu a própria descrença e a dos 'outros'...

No próximo número:

PEDROTO

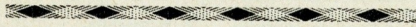
— o internacional do Benlenses que custou 500 contos ao F. C. Porto



HORIZONTAIS: 1 — Cingir; símbolo do atleta belenense. 2 — Jogador do F. C. Porto; agarrar-se com as gavinhas. 3 — Géneros de orquídeas; jogador da CUF. 4 — Próxima cidade olímpica; planos laterais do avião. 6 — Jogador do Atlético; árvore do Brasil. 7 — Aro; jogador do V. Guimarães. 8 — Jogadores do Caldas e da CUF. 9 — Segunda vértebra cervical; catafalco.

VERTICAIS: 1 — Levantar; peso do recipiente que contém ou pode conter qualquer mercadoria. 2 — Jogador do Belenenses; ágata muito fina. 3 — Amarrem; introduzi. 4 — Jogador do Salgueiros; pron. pess. pl. 6 — Ave cõrvida; canal. 7 — Pron. pess. pl.; peça de artilharia semelhante a um moiteiro. 8 — Massagista da I Divisão; apelido do primeiro avançado-centro da selecção nacional. 9 — Épocas; nome de mulher.

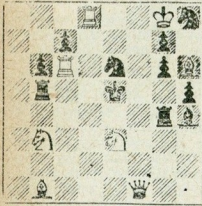
☆	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									



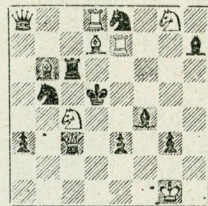
XADREZ

MENÇÕES HONROSAS DO TORNEIO OLIMPICO DE «2 LANCES» — 1948

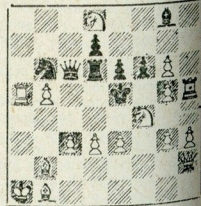
S. Sedgwick
(Inglaterra)



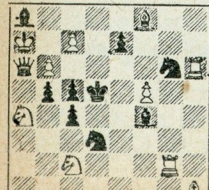
4. Gomoluch
(Alemanha)



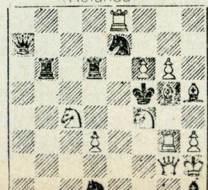
B. Forset
(Hungria)



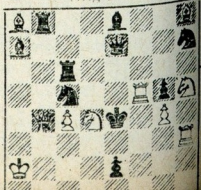
L. Larsen
(Dinamarca)



J. Seilberger
(Holanda)

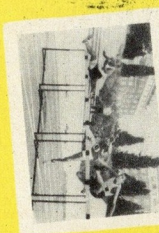


G. Chandler
(Inglaterra)



CRÓNICA Desportiva

é uma revista única no género em PORTUGAL. As biografias que publica todos os números são as mais completas, ricas em pormenores inéditos e em fotos escolhidas nos albuns dos próprios atletas. CRÓNICA DESPORTIVA é, além disso, um repositório sugestivo de curiosidades do mundo do desporto nacional e estrangeiro.



AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

RUA SARAIVA DE CARVALHO, 207 - LISBOA - TELEF. 66-86-39 - 66-86-84